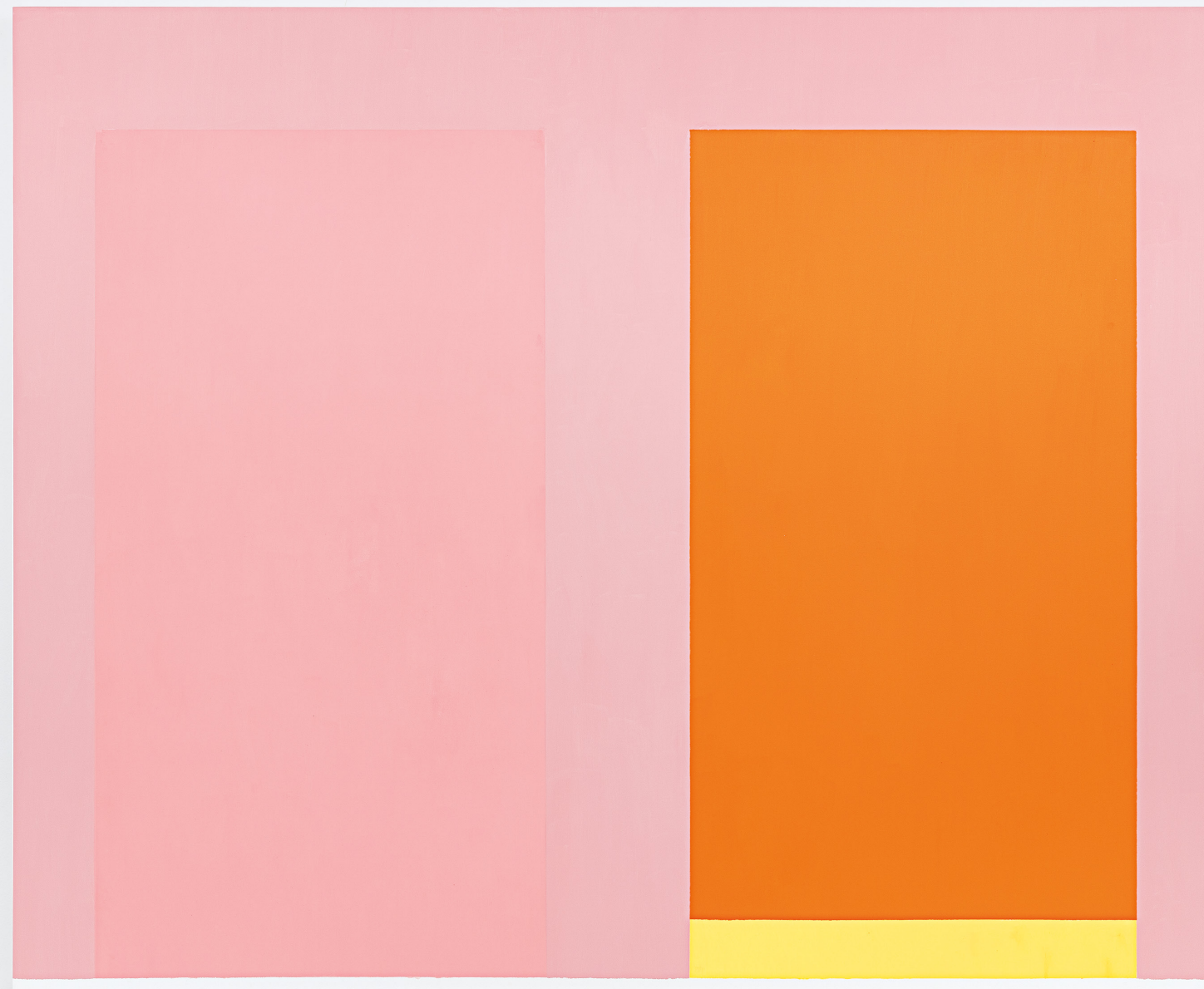


paulo pasta

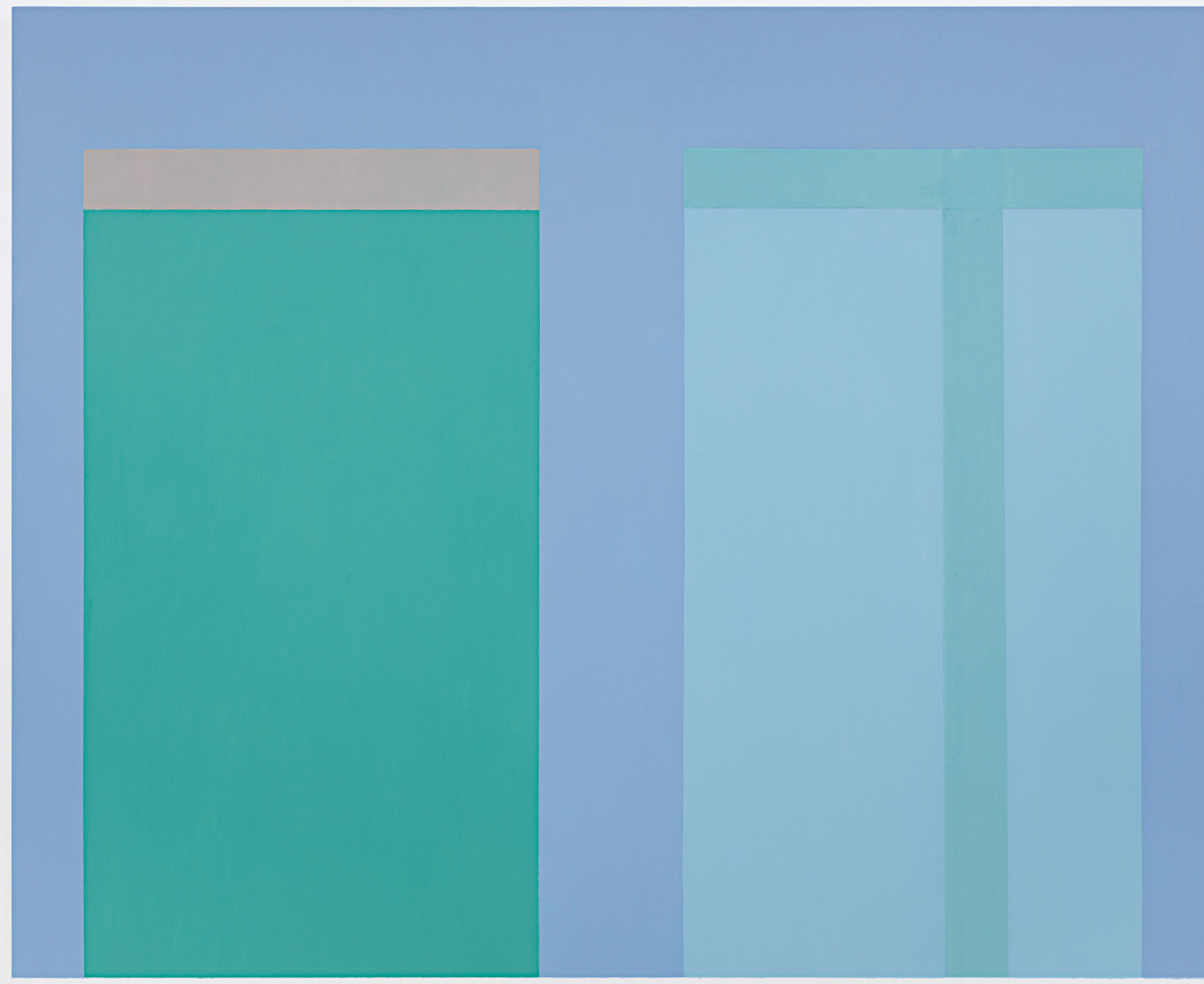
paulo pasta



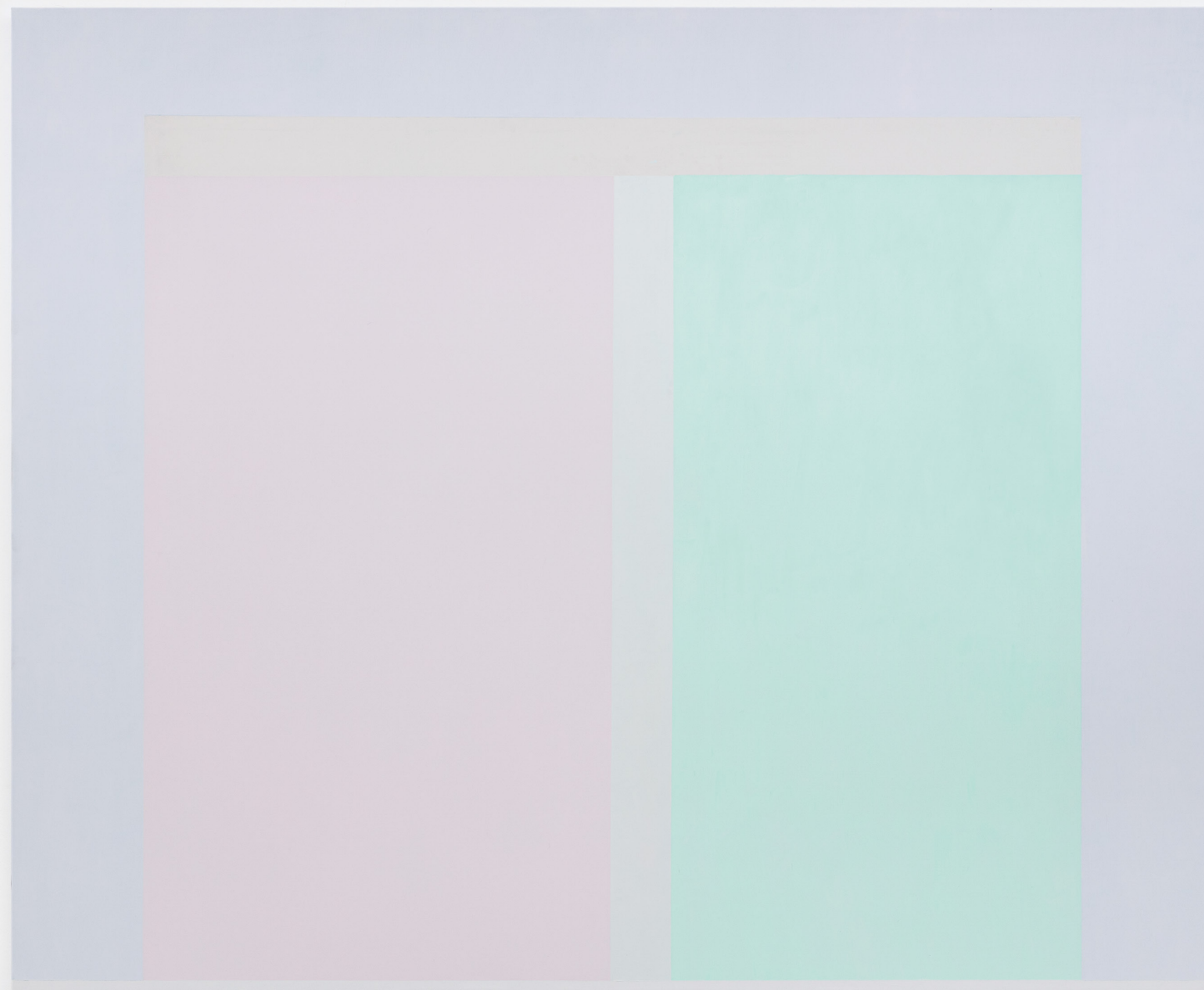
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 180 x 220 cm



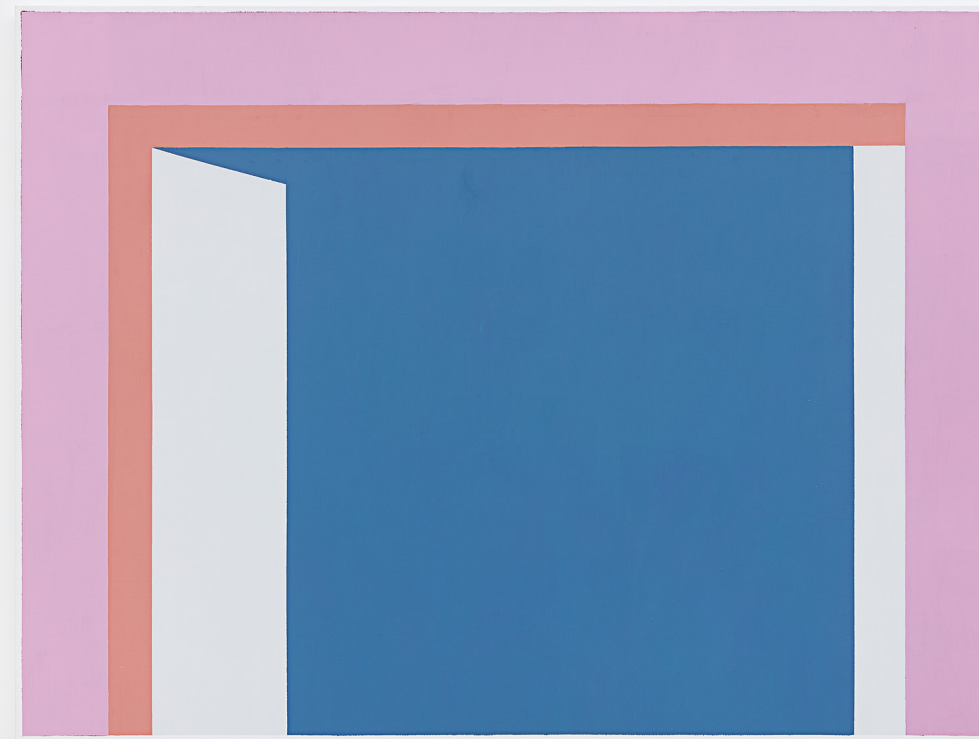
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 180 x 220 cm



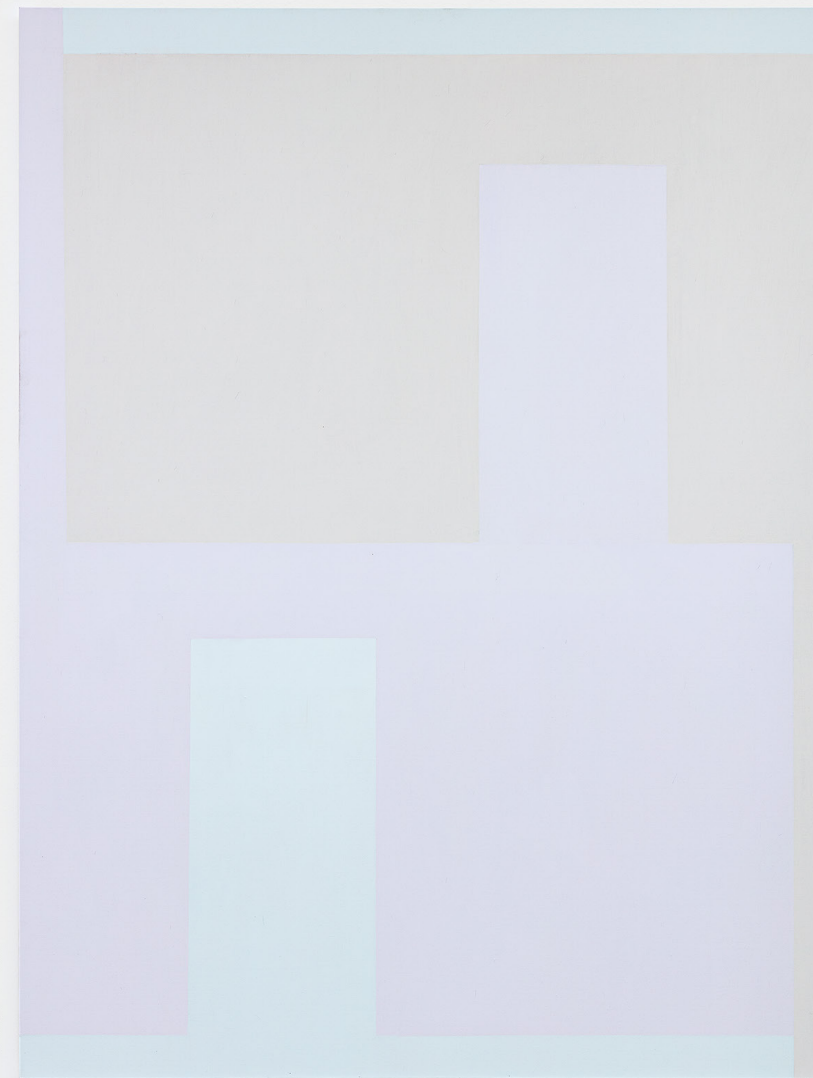
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 180 x 220 cm



Sem título, 2022, óleo sobre tela, 120 x 160 cm



Sem título, 2022, óleo sobre tela, 170 × 130 cm



Sem título, 2021, óleo sobre tela, 270 x 170 cm



Quem acompanha a pintura de Paulo Pasta sabe que ela não opera por meio de saltos ou rupturas, mas por um desenvolvimento silencioso, natural, um prolongar-se de tentativas e exercícios que se dão de uma tela para outra, ao longo do tempo. O prazer de ver, após alguns meses ou anos de intervalo, uma nova exposição de obras do artista é comparável ao de acompanhar, mais ou menos de perto e com uma convivência mais ou menos assídua, o crescimento de filhos de amigos. Pode acontecer que, à distância de meses, eles ainda pareçam iguais, mas pouco a pouco fica evidente que não, eles não são os mesmos. Aliás, já se tornaram totalmente outros.

Quando voltei ao ateliê do Paulo, transcorridos anos desde a última vez, para ver as telas que estariam nesta exposição, a conversa se aglutinou ao redor das pequenas mudanças na comparação entre uma tela e outra, ou, para ser mais preciso, na maneira como algo que num quadro chamou a sua atenção e o inspirou, se transforma ao ser levado para outro. Uma linha particularmente sutil, dois retângulos lado a lado contra um fundo homogêneo, uma série de quadrados que se apoiam uns nos outros: diante de um universo tão diáfano e vibrátil, mesmo coisas que a princípio são iguais ou muito parecidas se tornam completamente distintas quando algo ao redor delas muda.

A ideia de que um elemento possa “chamar a atenção” do próprio autor do quadro não deve surpreender. Apesar de ter um controle razoável sobre sua composição, como demonstram a nitidez das formas e as variações relativamente limitadas em sua paleta, Paulo é o primeiro a aprender com o resultado. Porque além de pintar, ele olha: é preciso um tempo para fazer, e outro para entender. Não é por acaso que as obras sejam consideradas acabadas, muitas vezes, dias ou semanas depois de terem recebido a última pincelada. É nesse momento que Paulo retira a fita que protege a faixa branca que, frequentemente, fecha a composição em sua parte inferior.

Numa das pinturas mais surpreendentes da exposição, na qual três quadrados se empilham num equilíbrio aparentemente instável, ao retirar a fita Paulo percebeu que o branco destoava do resto, e decidiu então transformá-lo num amarelo pálido. O que torna a composição insólita não é tanto esse detalhe, mas a presença dos quadrados. Trata-se de uma

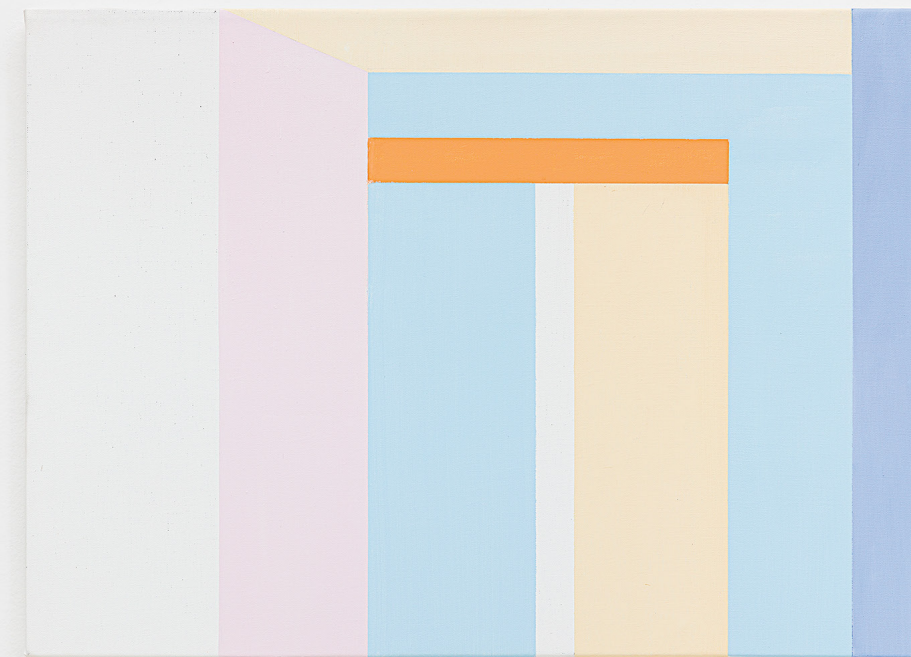
forma que também aparece em outras telas da exposição, mas está longe de poder ser considerada frequente no vocabulário do artista. Além disso, a maneira desengonçada como esses quadrados se apoiam uns nos outros, indicando que a torre instável que conformam poderia desmoronar a qualquer momento, sugere um peso, e implicitamente uma tridimensionalidade, ausentes na maioria das outras obras.

Apenas outra pintura na exposição sugere algo semelhante ao introduzir um segundo elemento que pode ser considerado raro na poética de Paulo: uma linha diagonal. Nesse caso, a linha fecha na parte superior uma faixa branca vertical, que passa a sugerir, assim, o que poderia ser uma porta ou uma janela entreaberta, e, de novo, a tridimensionalidade. Mas é uma tridimensionalidade que tem a ver antes de mais nada com a própria história da pintura: com o fato de que uma linha diagonal numa tela pode ser usada para sugerir uma perspectiva ou um ponto de fuga. Talvez não seja por acaso, então, que nessa tela, ao invés de uma única faixa branca na parte inferior, Paulo tenha criado uma pequena moldura, quase imperceptível, que percorre os quatro lados da tela, como uma janela por onde olhamos uma cena. Mas é uma cena abstrata, esvaziada, onde as arquiteturas metafísicas de um de Chirico ou as cores de um Piero della Francesca viraram apenas lembranças. É a ideia de uma cena.

E uma ideia, no fundo, totalmente alheia a essas pinturas, que nunca contam uma história, nunca pedem para ser “entendidas”, muito menos de um único jeito. As obras de Paulo Pasta parecem afirmar o tempo todo que são apenas campos de cor sobre uma superfície plana, e que qualquer arquitetura ou alusão a elementos do mundo real que possamos ler nelas é apenas isso, uma leitura feita por quem olha, e não algo implícito ou sugerido pela pintura. Não há por que buscar nessas pinturas uma razão de ser ou um significado, não há uma explicação ou uma lógica. Elas apenas existem, como existem uma montanha, uma pedra, uma onda no mar. Essa aparente simplicidade é em realidade o resultado de uma reflexão longa e coerente, a tradução física de um pensamento filosófico, de um olhar e de um profundo conhecimento teórico e prático.

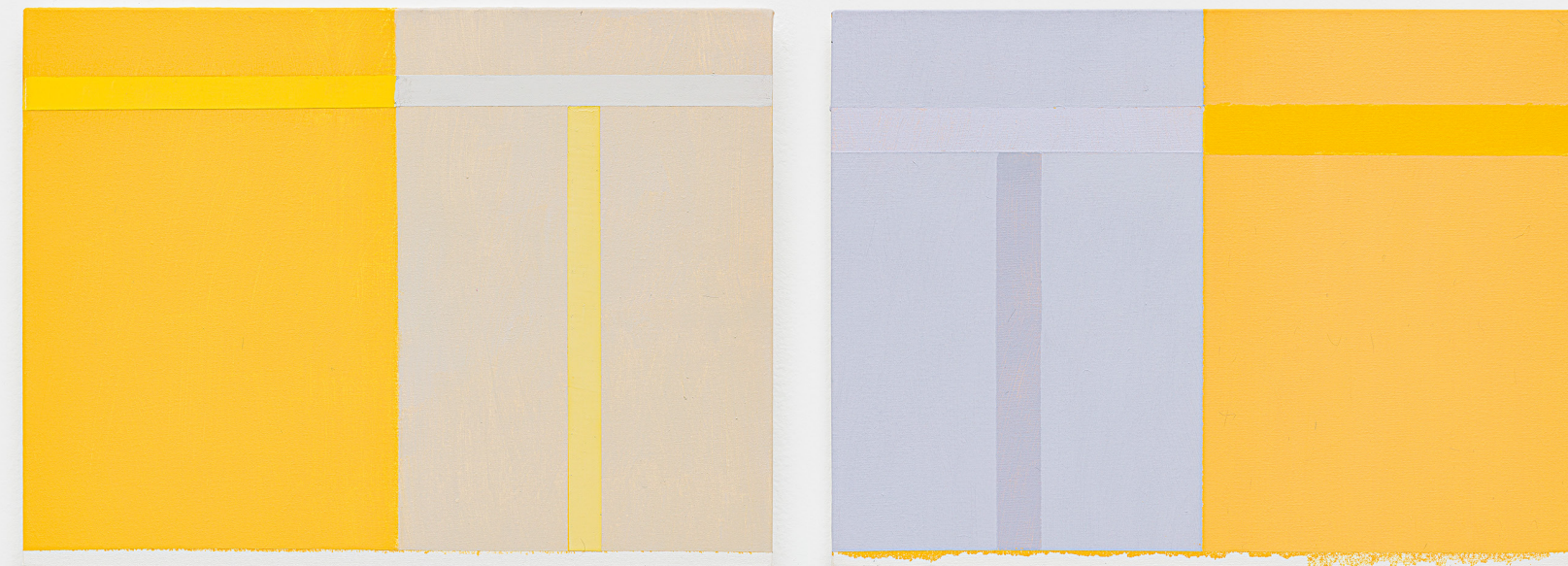
As pinturas, porém, não sabem nada disso. Elas são, e nada mais.

Sem título, 2022, óleo sobre tela, 50 x 70 cm

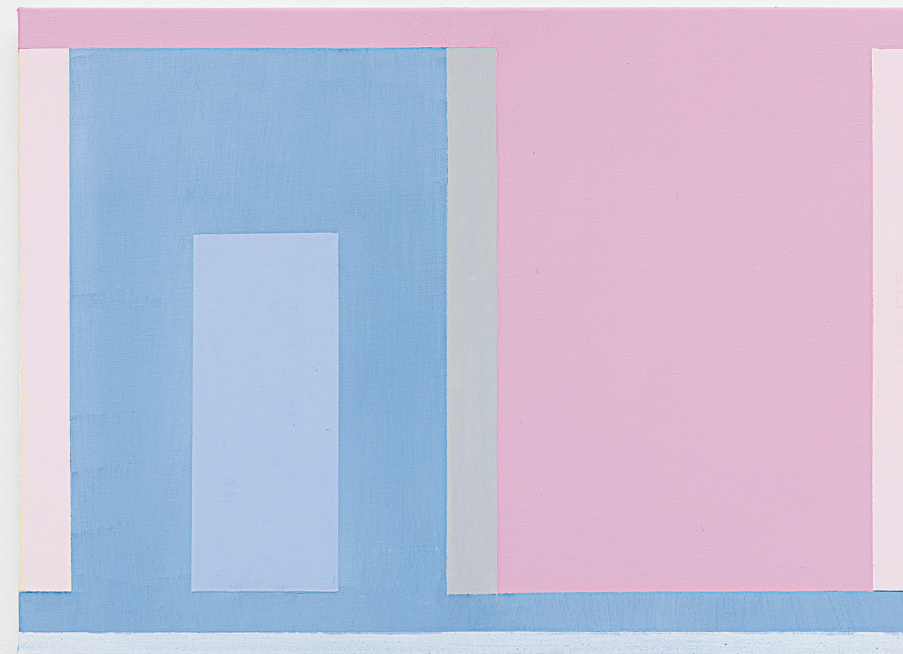


Sem título, 2023, óleo sobre tela, 30 x 40 cm

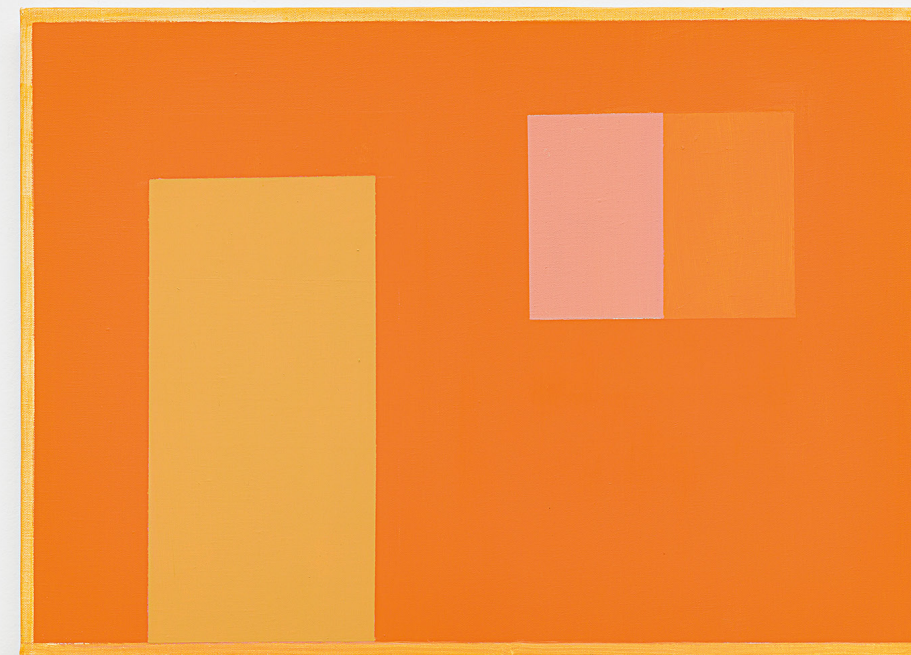
Sem título, 2023, óleo sobre tela, 30 x 40 cm



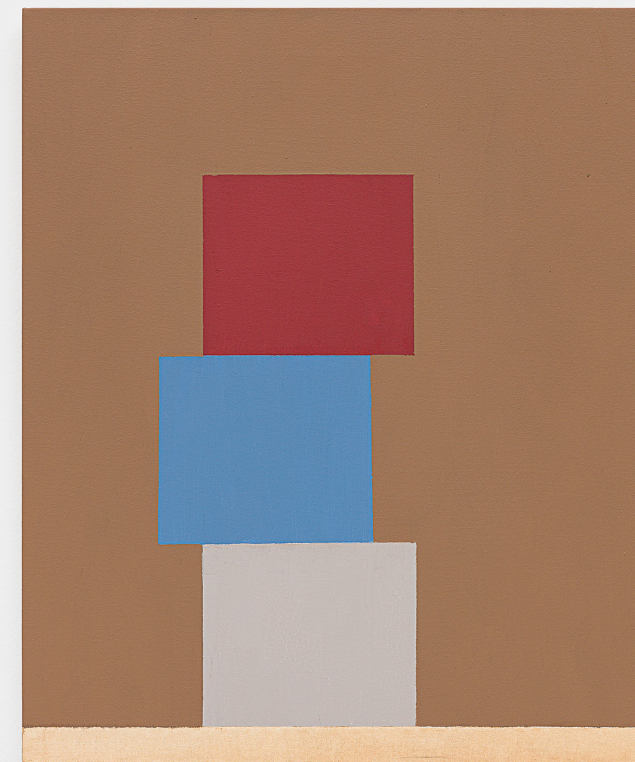
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 50 x 70 cm



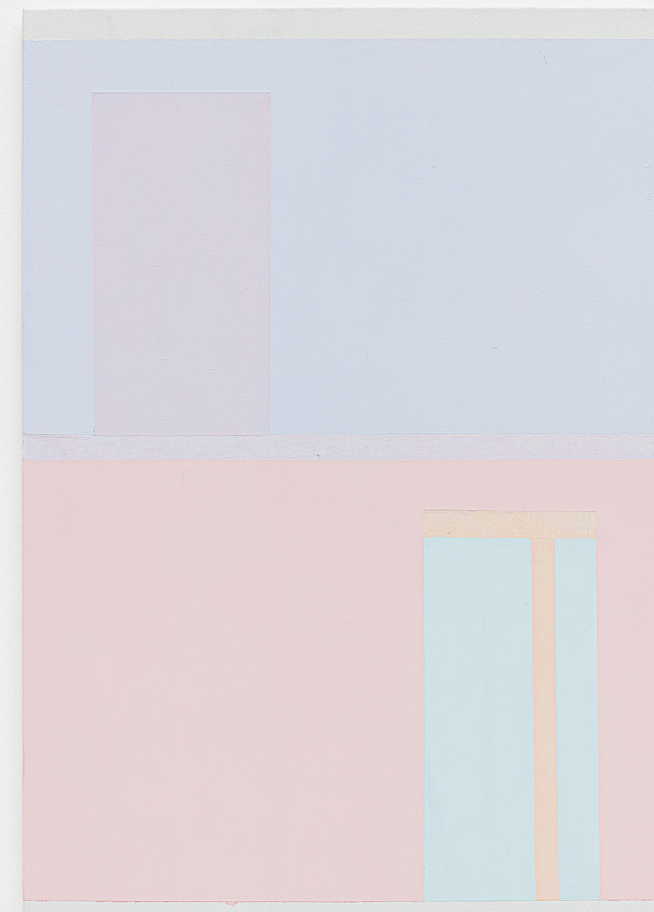
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 50 x 70 cm



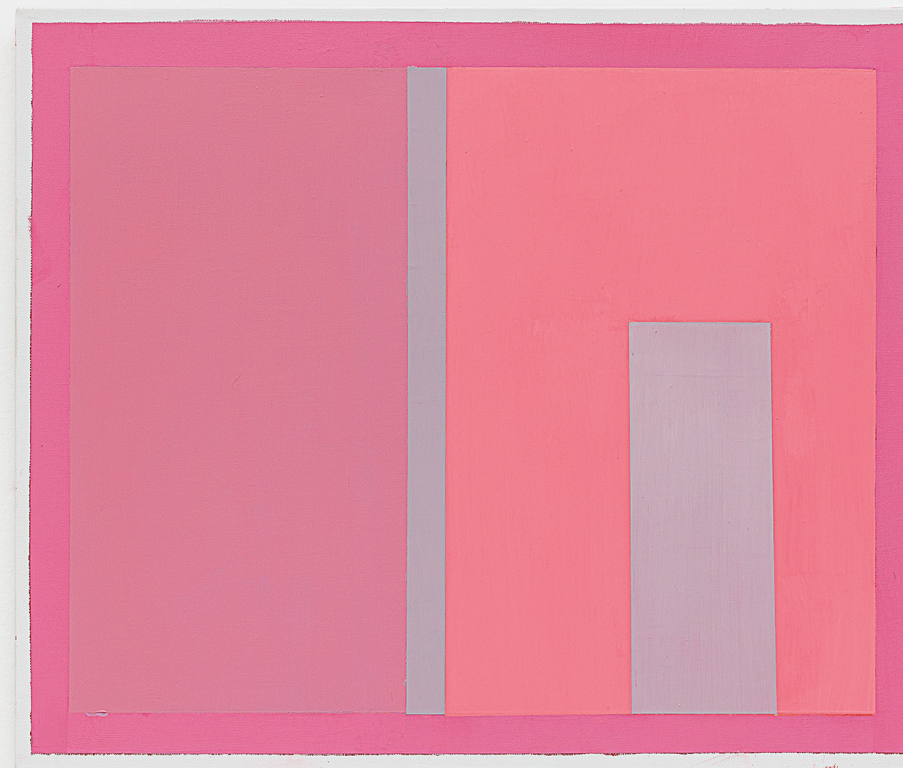
Sem título, 2022, óleo sobre tela, 60 x 50 cm



Sem título, 2022, óleo sobre tela, 70 x 50 cm

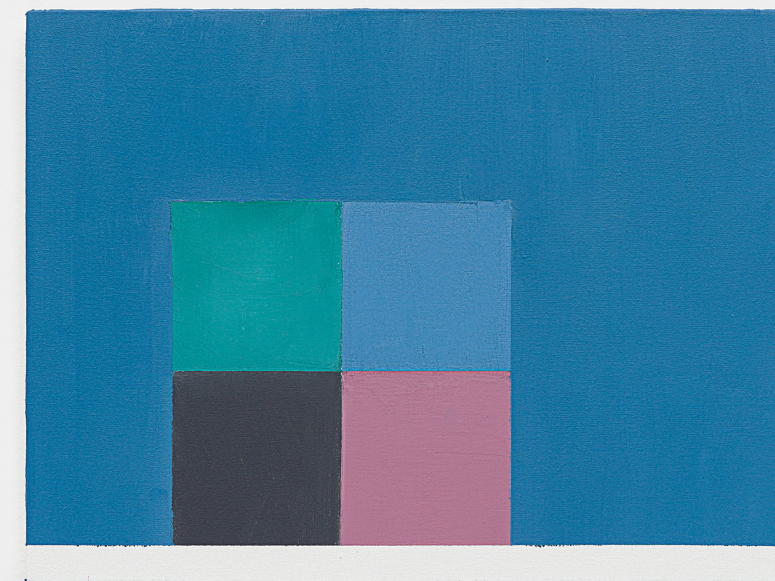
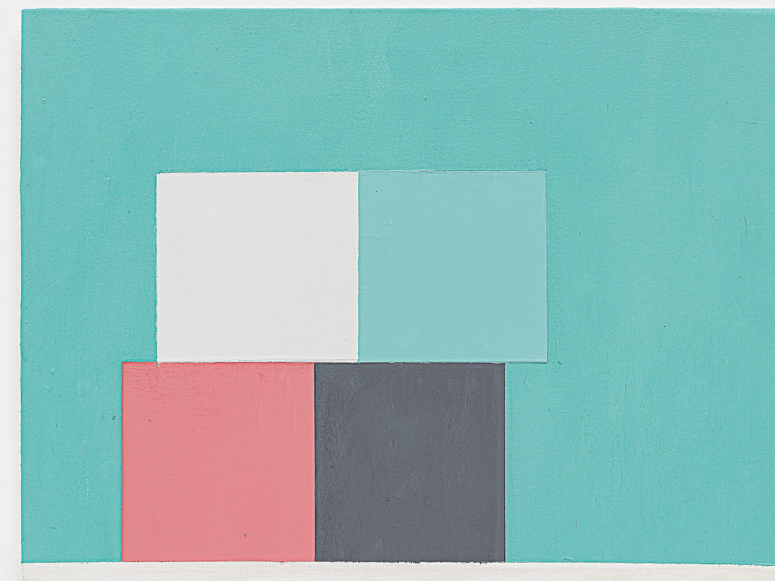


Sem título, 2022, óleo sobre tela, 50 x 60 cm



Sem título, 2023, óleo sobre tela, 30 x 40 cm

Sem título, 2023, óleo sobre tela, 30 x 40 cm



Paulo Pasta (1959, Ariranha—SP, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo)

Paulo Pasta busca construir uma temporalidade na pintura. As cores e as formas dos trabalhos do artista parecem planificar a percepção da passagem do tempo: diante de suas telas, o presente se coloca de maneira quase absoluta. As formas e as geometrias representadas nas atmosferas espessas desenhadas pelo artista são vagarosamente reconhecidas através do olhar atento do espectador, que é, por sua vez, colocado entre horizontes e obstáculos que impedem que se veja o espaço da representação com nitidez. A densidade e o tempo criados por Pasta são contrários a qualquer concessão ao mundo prático e a suas necessidades de presteza e prontidão: é no rumor e na abertura ao tempo presente que recaem sua poética.

Doutor em artes plásticas pela Universidade de São Paulo (2011), realizou as exposições individuais *Pintura de bolso* (2023), *Correspondências* (2021) e *Lembranças do futuro* (2018), na Millan (SP), além de outras mostras individuais em instituições como: David Nolan Gallery (Nova York, EUA, 2022); Cecília Brunson Projects (Londres, Reino Unido, 2022); Museu de Arte Sacra de São Paulo (SP, 2021); Instituto Tomie Ohtake (SP, 2018); Palazzo Pamphilj (Roma, Itália, 2016); Sesc Belenzinho (SP, 2014); Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre, RS, 2013); Centro Cultural Maria Antônia (SP, 2011); Centro Cultural Banco do Brasil (RJ, 2008); e Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP, 2006).

Entre suas participações em exposições coletivas estão: *Abstração: a realidade mediada* (Millan, SP, 2022); *Os muitos e o um* (Instituto Tomie Ohtake, SP, 2016); *30x Bienal* (Pavilhão da Bienal, SP, 2013); *Europalia, International Arts Festival* (Bruxelas, Bélgica, 2011); *Matisse hoje* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP, 2009); *Panorama dos panoramas* (MAM—SP, 2008); *MAM [na] OCA: Arte Brasileira do Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo* (OCA, SP, 2006); *Arte por toda parte* (3ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS, 2001); *Brasil+500 — Mostra do redescobrimento* (Pavilhão da Bienal, SP, 2000); III Bienal de Cuenca (Equador, 1991); entre outras.

Suas obras integram diversas coleções, entre as quais estão: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madri, Espanha), Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (SP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (RJ), Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (SP), Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (RJ), Kunsthalle (Berlim, Alemanha), Kunstmuseum Schloss Derneburg (Hall Art Foundation, Holle, Alemanha) e Instituto Figueiredo Ferraz (Ribeirão Preto, SP).

Catálogo—*Paulo Pasta* (2023)

Organização
Thais Darzé
Paulo Darzé
Curadoria e texto
Jacopo Crivelli Visconti
Fotos
Ana Pigosso
Produção executiva
Cica Lima
Mainah de Andrade Rego
Patrícia Ribeiro
Assessoria de imprensa
Claudius Portugal
Projeto gráfico
Raul Loureiro
Revisão
Juliana Bitelli
Impressão
Romus Indústria Gráfica
(Setembro 2023)



Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória
CEP 40081-310, Salvador/Bahia
+55 71 3267.0930 / 71 99918.6205
paulodarze@terra.com.br

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A